

ENTRE CONTOS E CANTOS: LINGUAGEM E LITERATURA ORAL A PARTIR DAS TRADIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO

Alesson Luiz Gois da Silva
Alexsandro Laurentino de Lima
Andrea Souza e Silva
Edyja Gomes da Costa
Jocilene Gomes da Silva
Max Rodolfo Roque da Silva¹

RESUMO: As reflexões propostas neste artigo procuram enfatizar a relevância da linguagem no processo de socialização da memória, tomando como referência as narrativas que englobam a Literatura Oral do sertão nordestino. Os signos verbais atuam no processo constitutivo da memória, delineando, assim, a formação cultural dos indivíduos por intermédio da transmissão de valores e tradições. Nessa perspectiva, compreendemos a linguagem como um instrumento utilizado pelos homens em diferentes contextos para expressar uma determinada realidade e criar significados que lhes conferem uma apreensão própria da realidade que o circunda. O artigo encontra-se fundamentado na perspectiva da Nova História Cultural, por meio da qual podemos entender a linguagem como uma forma de representação social; assim como pelos estudos desenvolvidos no campo da sociolinguística, tomando a linguagem como um mecanismo de comunicação que deve ser analisado a partir das situações imediatas em que foi desenvolvido. Em conjunto, a linguagem, as tradições nordestinas e suas relações com a memória constituem os pilares estruturadores deste artigo. Difundidas pelas narrativas, tais como os cantos, os contos, os causos, as lendas e afins, as tradições aqui enfatizadas atuam como fomentadoras de uma identidade cultural. Nesses termos, a Literatura Oral pode ser entendida como uma prática cultural direcionada para a difusão das ideias que englobam o universo popular, bem como, para a expressão dos aspectos constituintes da arte do cotidiano, das trajetórias individuais, do imaginário e das tradições. Vale salientar que as tradições não são aqui entendidas como práticas cristalizadas no tempo, pois elas são constantemente (re)significadas em diferentes tempos e contextos. Por isso, o caminho traçado pela linguagem em sintonia com a memória é delimitado pela ação humana, assumindo, assim, seu caráter subjetivo e rompendo as barreiras do tempo e do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: memória; Literatura Oral; linguagem; identidade cultural.

ABSTRACT: The reflections proposed in this article seek to emphasize the relevance of the language in the process of socialization of the memory, taking as a reference the narratives that cover the Oral Literature of the northeastern inland. The verbal signs act on the constitutive process of memory, outlining thus, the cultural formation of individuals through the transmission of values and traditions. In this perspective, we comprehend the language as an instrument used by men in different contexts to express a determined reality and create meanings which lead them to a particular understanding of the reality that surrounds them. The article is based on the perspective of the New Cultural History, by which we can understand the language as a form of social representation; just as the studies developed in the field of sociolinguistics, taking language as a mechanism of communication that must be analyzed from the immediate situations in which it was developed. Language together with the traditions of the Northeast and its relationships with the memory designs the structuring pillars of this article. Widespread by narratives, such as songs, tales, folk

¹ Graduandos do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

stories, legends, and related things, the traditions here mentioned act as the fueling of a cultural identity. In these terms, the Oral Literature can be understood as a cultural practice focusing the dissemination of the ideas that include the popular universe, as well as to express the constituents aspects of daily art, of individual trajectories, of imaginary and traditions. It's worth emphasizing that the traditions are not here understood as practices crystallized in time, because they are constantly (re)meant in different time and contexts. Because of this the path stroke by language in tune with memory is bordered by human action, assuming then, its subjective nature and breaking the barriers of time and space.

KEYWORDS: memory; oral literature, language, cultural identity

1. Sobre a Importância da Linguagem: comunicação e representação

“Narrar é uma forma básica de atividade lingüística.”

Michael Hanke

Para além da clássica distinção pensada por Aristóteles entre o homem e o animal, que via na capacidade de distinguir o certo do errado, o justo do injusto, a principal característica definidora do humano é a linguagem, que sempre tomou parte da história, reivindicando para si o poder definidor, por ser uma característica predominantemente humana.

Rompendo com a categórica classificação da linguagem pensada pelo filósofo grego, que a considerava dividida entre letra, sílaba, conectivo, articulação, nome, verbo, artigo, flexão e frase (2000, p. 61), as concepções atuais de linguagem enfatizam o seu potencial de mediadora entre as relações que o homem estabelece com seu semelhante e com o mundo, seu papel na criação de significados e representações e sua relevância no processo de socialização de experiências.

Com o crescente desenvolvimento do conhecimento tecnológico, a sociedade atual encontra-se cheia de imagens e sons que propiciam um conhecimento rápido e prático das coisas e dinamizam a comunicação entre as pessoas. Contudo, mesmo em meio a um universo de linguagens e símbolos expressos por recursos audiovisuais e hipertextuais, a fala continua a ser, certamente, a maior e a melhor forma de comunicação entre os homens.

A linguagem, verbal ou não-verbal, é o que media a relação do homem com o mundo e a apreensão que ele faz da realidade. Também a linguagem, entendida como algo situado em um contexto sócio-histórico determinado, deve ser compreendida em seu caráter de interação entre os indivíduos e em seu potencial de transmissão e perpetuação de valores culturais. No entanto, não se pode entender tal perpetuação como algo que se processa imutavelmente, haja vista que a cultura é algo passível de mudanças e (re)significações e que, por isso, é capaz de adequar-se ao tempo e ao espaço em que estiver inserida.

A proposta deste artigo incide sobre a relevância da linguagem, entendida em seu caráter especificamente verbal, no processo de formação cultural, considerando-a em seu potencial de comunicação como um significativo meio utilizado pelos homens para transmissão e perpetuação de valores e práticas culturais.

Utilizando-se de experiências coletivas e individuais, os homens por meio da narrativa transmitem seus conhecimentos, suas idéias e seus valores. A narrativa possui um nítido papel social, visto que pode funcionar como uma forma de reafirmar práticas culturais socialmente estabelecidas.

Uma das relevantes contribuições de Cassirer (1977) consiste nos estudos acerca da cultura e da linguagem humana. Para ele, o homem é definido como um animal simbólico. Com os símbolos, o homem constrói sua cultura e, por meio deles, a realidade pode ser articulada, apreendida e recriada.

Para Pesavento (2005), as representações construídas sobre o mundo fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Essas representações são matrizes que configuram as condutas e as práticas culturais.

A linguagem pode ser compreendida como uma representação não apenas vinculada a uma determinada realidade, através dos significados implícitos ela também interfere na própria realidade. Nesse sentido, a linguagem configura-se em uma forma de representação utilizada pelos homens para socializar suas experiências e, sobretudo, registrar as suas práticas culturais.

2. Linguagem e Literatura Oral: uma relação indissociável

Segundo Vieira (1978), ao longo da história, a Literatura, em suas formas narrativas, tem sido um dos meios mais relevantes de que dispõe o homem não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e re-criação desse conhecimento. Nessa perspectiva, a Literatura configura-se em uma forma utilizada pelos homens para atribuir sentido ao mundo, sendo constituída a partir da observação da realidade, pela imaginação do autor.

Para pensar sobre a importância da linguagem no processo de formação cultural, não se pode desvinculá-la da Literatura Oral, uma vez que as narrativas – entendidas em seu sentido mais amplo – atuam na difusão de valores e tradições culturais correspondentes há um tempo e espaço determinados. Por meio do ato de contar/narrar histórias, os homens foram perpetuando sua própria história, suas trajetórias pessoais, seus conhecimentos, sua cultura e suas visões de mundo.

Nessa perspectiva, utilizaram-se reflexões teóricas propostas pela Nova História Cultural, que proporciona uma reformulação do saber historiográfico, ao considerar as práticas culturais, em sua singularidade, como um elemento importante para a compreensão do mundo. Fundamentou-se o estudo, também, na perspectiva linguística de Bakhtin (1981), notável pensador russo, para quem a linguagem não deve ser entendida

em si mesma, apenas como mera abstração, mas sim dentro do contexto social em que se situa.

Procurou-se ressaltar a relevância da Literatura Oral no campo da pesquisa historiográfica, com base no conceito de representação proposto por Pesavento (2005), que considera as representações signos utilizados pelos homens para atribuir um sentido ao mundo e, assim, manifestar sua percepção acerca da realidade na qual se encontram inseridos.

Compreendendo a Literatura Oral como forma de representação, salienta-se a posição do folclorista Câmara Cascudo (1984), para o qual a Literatura Oral se ampliou ao longo dos tempos, alcançando horizontes maiores, sendo expressa tanto pela via exclusivamente oral, através dos cantos populares, danças cantadas, poesias recitadas, aboios, lendas, adivinhações etc., como também nos pequenos livros literários e também sociais - a exemplo dos cordéis-, que, apesar de serem impressos, foram produzidos para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta (CASCUDO, 1984, p. 23-24).

3. Linguagem e memória: expressões folclóricas e poéticas

Outro aspecto que se pode destacar com relação à linguagem é a sua relação com a memória. É mediante ela que os homens recuperam suas experiências vividas, seja no âmbito individual, seja coletivo, socializando-as por meio da utilização dos signos verbais.

De acordo com Chauí (1994), a memória representa a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o, assim, da perda total. Por meio da memória, o homem-presente comunica-se com o homem-passado, estabelecendo um intercâmbio de experiências entre os tempos. Assim, a Literatura Oral pode ser vista como uma narrativa mantida pela tradição, sendo transmitida de geração em geração.

De acordo com Bakhtin (1981), no momento de interlocução, o sujeito seleciona os meios linguísticos dos quais fará uso, pois as peculiaridades da composição linguística são elaboradas de acordo com sua visão de mundo, seus juízos de valor e emoções, que se constituem fatores determinantes do enunciado, do seu estilo e da sua composição.

Para Seligmann-Silva (2007), a língua é um meio vivo de relacionamento com a tradição e com os outros. Ela atua em ação mútua com o mundo, criando-o e sendo (re)criada por ele. Dessa maneira, a língua se apresenta como um alicerce da cultura, da compreensão e da compreensão que os sujeitos têm do mundo e de si mesmos.

Com isso, as expressões folclóricas, como as lendas, os “causos”, os aboios, as cantigas e tantas outras, pertencentes ao folclore da região do Nordeste brasileiro, são de suma importância para a permanência de determinadas tradições culturais, que se revelam significativamente influentes na configuração de uma identidade cultural, na medida em que propiciam a noção de pertencimento a uma determinada coletividade.

De acordo com Renato Almeida (1974), o folclore é constituído pela maneira de pensar, sentir e agir que os membros de uma coletividade identificam como seu, sendo seus valores preservados pela tradição popular. A Literatura Oral passa, então, a ser vista como uma expressão da vida peculiar de uma coletividade. Desse modo, as tradições traduzem as experiências de uma dada coletividade, que tem nas produções populares reflexos de sua cultura, bem como das ressignificações que delas fazem.

Nesse sentido, é válido destacar a obra poética de Antonio Gonçalves da Silva, “Patativa do Assaré”, com o objetivo de evidenciar a relevância desse poeta para a história da cultura popular nordestina, visto que em sua obra ele procura representar as crenças, os valores e os ideais de sua época, utilizando como recurso a “linguagem do povo”. Focalizando o aspecto cultural da obra de Patativa, é necessário ressaltar a ênfase dada pelo poeta às tradições culturais, que na sua ótica configuram e modelam o homem nordestino:

“Meu sertão das vaquejadas
Das festas de apartação
Das alegres luaradas
Das debulhas de feijão
Das danças de São Gonçalo
Das corridas de cavalo
Das caçadas de tatu
Onde o caboclo desperta
Conhecendo a hora certa Pelo
canto do nambu”.

O retrato do meu sertão (PATATIVA, 2004, 233)

4. A cultura nas métricas e rimas dos cordéis

Outra expressão da Literatura Oral está nos cordéis. Através deles, a cultura era e continua sendo difundida entre os sertanejos nordestinos. Segundo Galvão (2005), na maior parte das vezes, esses folhetos não eram lidos solitariamente. À medida que as pessoas iam às feiras, elas ouviam os vendedores de cordéis declamarem seus versos de forma expressiva, chamando a atenção dos ouvintes.

Esses ouvintes, ao conseguirem os folhetos, os levavam para suas casas, completamente entusiasmados, e reuniam seus familiares ao seu redor para ouvir as histórias fantásticas contidas naqueles versos, que retratavam, geralmente, aspectos do cotidiano, histórias de romances e até aventuras eróticas. De acordo com a autora, essa prática de leitura em rodas de conversas familiares proporcionava uma troca de conhecimentos entre os membros da família e aprofundava o relacionamento entre eles, estabelecendo, assim, uma fecunda rede de sociabilidade.

Para compreender melhor essa ideia, destacou-se um trecho da fala de um dos entrevistados pela pesquisadora:

“Todo mundo sempre tinha um rádio, tinha um baixo-falante em casa (...) mas o cordel era uma coisa, juntava aquela roda, aquele bocado de gente, a pessoa lia para divertir várias pessoas e no interior era principalmente que comprava, um comprava aí lia, né? Ai no outro sábado aquele que viu ler aí comprava, tudo comprava, cada qual comprava um, a gente ia para feira, vendia” Edson (GALVÃO, 2005, p. 373)

Outro ponto importante defendido por Galvão é o fato de a leitura dos folhetos serem feitas em voz alta e de forma repetitiva, o que possibilitava a aprendizagem das histórias e dos poemas neles contados, mesmo que os ouvintes fossem analfabetos. Isso proporcionava a difusão dessas histórias por meio da oralidade e não apenas da escrita, pois aqueles que não sabiam ler decoravam os textos e os repassavam para os outros.

Dessa maneira, a autora enfatiza a importância dos folhetos escritos como se fossem uma espécie de cartilha de alfabetização para aqueles que se sentiam atraídos pelas histórias e procuravam aprendê-las e compreendê-las. Diante disso, destacamos outro trecho que explicita essa ideia:

“Eu... eu sei que meu cunhado, olhe os filhos dele aprenderam a ler lá no... no... numa escolinha que tinha perto de casa. E depois já tudo formado rapaz e mocinha comprava... comprava folheto e lia em casa, né? Era os filhos lendo e ele decorando. Quando a gente ia pra rua que voltava lá pra casa e juntava uma porção de gente...”

Crispim (GALVÃO, 2005, p. 380)

No entanto, não podemos deixar de mencionar as complexas discussões existentes atualmente acerca da possível redefinição teórica acerca da identidade cultural (HALL, 2000). Não mais se pensa em uma cultura estática, imutável e que se deve preservar a todo custo contra qualquer tipo de interferência externa que possa descaracterizar determinada expressão cultural.

É necessário, pois, estar atento para o fato de que nas constantes transformações ocorridas em sociedade como, por exemplo, o processo de globalização, é impossível se falar em uma cultura pura em si mesma. Como discorre Meihy (2005, p. 86), "modernamente, no mundo globalizado, novos problemas têm atingido a estabilidade do conceito de identidade, o que leva a duas alternativas possíveis: a 'multiplicidade de identidades' ou a 'negociação de identidades'".

Os dinamismos culturais estão presentes ao longo de todo o decorrer da história humana, realizando um processo de assimilação e resignificação das tradições. (CANCLINI, 2006) Dessa forma, o multiculturalismo constitui-se como uma marca da atividade humana. Entretanto, é importante destacar que a tradição somente é mantida quando há o esforço de realizar celebrações sucessivas a fim de preservá-la (ORTIZ, 1998), pois sendo as tradições culturais pertencentes à memória, elas somente poderão existir se possuírem sentido para os que queiram rememorar-las.

Considerações finais

Compreende-se, então, que as tradições culturais sertanejas – como qualquer outra – não são imutáveis, pois elas são reelaboradas pela coletividade, mantendo-se na memória na medida em que remetem a tempos remotos, a um tempo nem sempre conhecido. No entanto, elementos básicos persistem, fazendo com que determinados aspectos identifiquem certa cultura como própria de um local específico, possibilitando, dessa forma, a construção de uma identidade cultural.

É, portanto, no processo de (re)criação realizado por meio da Literatura Oral que se perpetuam valores, conceitos e perspectivas socioculturais de um povo. É mediante a atuação da memória que o processo de construção identitária edifica-se na relação presente-passado-presente. Como defende Diehl (2002), a memória é constituída por um saber que forma as tradições, atuando como um canal de comunicação entre dimensões temporais, podendo ser contextualizada e atualizada historicamente, visto que é uma forma de representação produzida e significada por meio das experiências individuais e coletivas.

Em linhas gerais, considera-se de significativa relevância a utilização da linguagem – aqui analisada em seus aspectos verbal e de escrita – no processo de formação cultural. Ressaltamos que as narrativas associadas à Literatura Oral podem ser consideradas como possibilidades de aprendizagem e socialização das experiências vividas individual e/ou coletivamente e que, por meio da memória, "expressam a continuidade e identidade das tradições" (DIEHL, 2002, p. 17). Portanto, esse tipo de narrativa, por estar inserida em uma coletividade, assume a função de diferenciação, possibilitando a integração cultural e social.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. Política. In: **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores)
- _____. Poética. In: **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores)
- ALMEIDA, Renato. **Inteligência do Folclore**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu Canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 14^o ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7^a ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2006
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3^a ed. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- CASSIRER, Ernest. **Antropologia Filosófica - Ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias de Leituras: cultura letrada no Brasil - objetos e práticas. In: ABREU, Márcia; SHAPOCHNIK, Nelson. **Histórias de Leituras: Cultura letrada no Brasil – objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: FAPESP; 2005 – (coleção Histórias de Leituras).
- DIEHL, Astor Antonio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. In: **Contracampo** (UFF), Rio de Janeiro, v. 7, p. 117-126, 2003. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/view/32/31>. Acesso em 23 de novembro de 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.) **Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A língua como leito da memória cultural e meio de diálogo entre as culturas. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). **Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.
- VIEIRA, Alice. **O Prazer do Texto**. Perspectivas para o Ensino da Literatura. São Paulo, EPU, 1978.